



João Gago da Câmara

## Paralelo 38

# A ti, Miguel

Permitam-me os leitores despedir-me de um ser humano de quem gostei muito durante toda a sua vida, um familiar, um meu sobrinho, o Miguel Gago da Câmara Decq Mota.

O Miguel foi, nos Açores, uma conhecida figura pública, enquanto locutor brilhante e coordenador de programas da TSF Açores; foi um comercial cheio de garra; foi um enorme desportista; foi a alegria de duas famílias, os Gago da Câmara e os Decq Mota. Para nossa tristeza, faleceu, precocemente, com 44 anos de idade, no passado dia 30 de Março. A Região perde um dos seus melhores.

...

Não é bem o silêncio. É mais a tua mudez. E imaginar-te já etéreo.

Da janela da cozinha, observo os montes, cujo verde calcorreaste, e o mar, onde tanto mergulhaste, a espumar contra a rocha. O rasto das tuas pegadas ainda lá estarão; as tuas braçadas fortes ainda lá nadarão.



Roubo palavras ao léxico que me façam escrever sincero, porque foste sinceridade.

Não te vejo do outro lado, pá. És daqui!

Sei que me visitaste, já apenas energia, quando fui tentar dormir, porque era impossível lembrar-me dos nossos copos, há muitos anos, na discoteca da Povoação; também da noite de 12 para 13, em Fátima, onde dormimos ao relento e à chuva pelas soleiras das portas, após integrarmos a procissão das velas; dos banhos na piscina do avô João e da avó Guidinha; do churrasco a seguir, acompanhado das cervejolas frescas, de que tanto gostávamos; das tuas piadas e das gargalhadas que dobravas com tanta graça; dos golos que gritaste no estádio e na antena. Quiseste ir para a RDP, onde trabalhei 34 anos. Nunca te aceitaram! A ti! Um prodígio na comunicação! Guardo comigo esta mágoa.

Não chorava tanto desde a morte do avô. E choro-te agora. E chorar-te-ei sempre. Libertaste-te; pacificaste-te; és alma. Mas fazes-nos tanta falta, caraças!

Adeus, sangue nosso.



Maria Luísa Soares\*

## Prodígios

# deste Século XXI

Ando cá com uma vontade de botar palavra (que me perdoem os puristas da língua a plebeia expressão). Nascido que sou ainda não há 20 anos completos e só ouço à minha volta Ora o que este séc. XXI se havia lembrar de nos trazer, A surpresa, O descabro, Vai ficar na História, Quem diria... Como iremos sobreviver agora.

Como se fosse minha a responsabilidade do que está a alastrar por todo o planeta.

Mas os humanos são mesmo assim. Parvo sou eu em não os ignorar. Tão imprudentes, tão fixados, os pobres, naquilo que facilmente os fascina. E deslumbrados a ponto de não verem com olhos de ver o que verdadeiramente deviam ver, eles, os actores da história universal que os une a todos. Tanto orgulho nalgumas coisas, tanta cegueira noutras.

Mas manda a milenar prudência dos Tempos que me cale e não me exponha inutilmente ao desprezo ignorante que, a par do covid 19, circula por aí. Só queria lembrar que Século após Século, a humanidade tem vindo a evoluir nuns aspectos e a retroceder noutros, ou não carregassem os humanos o fardo da limitação com que nasceram.

Sim, que dizer do potencial aparentemente ilimitado para tanta coisa, e do inalcançável dessa tanta coisa?

Talvez fosse oportuno que alguém se debruçasse sobre o assunto e escrevesse sobre estes limites que tanto penalizam a condição humana. Felizmente alguns pen-

sadores tomam a peito esclarecer o comum mortal que habita o planeta. A que eu, este vosso Séc. xxi, acrescento, com veemência, a necessidade.

Não concordam? Bem, vocês humanos é que sabem, mas depois não se queixem.

Razão tem um dos meus filhos, o já distante ano de 2015, quando vos recrimina a distração irresponsável, o à vontade criminoso com que fazeis orelhas moucas àquilo que verdadeiramente não vos interessa de momento, porque ...o futuro vem tão longe ainda. Não vos compete arcar com o que se anuncia de catastrófico nesse futuro nebuloso.

De que estou a falar? Quereis mesmo saber? Ok, disponho-me mais uma vez a correr o risco de me apodarem de louco, um louco intrusivo.

Não ireis negar que há humanos com uma capacidade premonitória notável. Pois bem, alguns deles se forem ouvidos podem assumir-se como guias poderosos dos humanos ou pelo menos desviá-los dos escolhos perigosos de certos caminhos. Já sei, estareis a pensar que são próximos dos profetas do antigo testamento. Este de que vos vou falar dá pelo nome de Bill Gates e a premonitriedade dele baseia-se em factos. Refiro-me concretamente a uma palestra por ele dada em Vancouver. Já nessa altura disse para quem o quis ouvir que a maior ameaça no horizonte não eram as guerras, o nuclear, ou os mísseis que toda a gente receava. A maior ame-

açã nas próximas décadas seria uma grande epidemia provocada por um vírus altamente contagioso que poderia vir a provocar a morte de dez milhões de pessoas. Mas que tal poderia ser evitado se se começasse desde logo a trabalhar e a prepararem-se para quando ele aparecesse. Atenção: estas conclusões tinham como base a experiência obtida no combate ao ébola em África.

Alguém o levou a sério? Alguém se preparou?

E eu, Século XXI, assisto passivo a todo este desenrolar de aconteceres. E de não aconteceres também. Resta-me, com verdade, dar testemunho do mal que este corona vírus anda por aí à solta a fazer, de como vira do avesso a vida das pessoas, isto para não falar das que encontram nele morte antecipada.

Escolhi um caso ocorrido na ilha Terceira dos Açores porque é sempre um gosto visitar lá os meus irmãos Séculos, passados, para o comum dos mortais, ainda presentes para mim nas igrejas antigas, nos claustros dos conventos, nas fortalezas, nos braços e monumentos, enfim, na nobreza digna que toda a cidade respira. Pois bem avancemos então, que é uma maneira de, por momentos, me despirmo da passividade a que estou condenado e trazer para o presente a autenticidade das coisas vivas.

(Continua)

\*Escritora